

HOJE

MESAS DO CASTELINHO

O tempo em marcha

Escavado sistematicamente desde 1989, o sítio arqueológico de Mesas do Castelinho, perto da vila alentejana de Almodôvar, é um dos exemplos mais completos em Portugal de conhecimento acumulado sobre um local do interior e da sua reutilização ao longo dos séculos. “Não é comum escavar um local em Portugal durante tantos anos e de forma tão sistemática, mesmo sabendo que ainda só colocámos a descoberto cerca de 10% da área total”, diz Carlos Fabião, do Centro de Arqueologia (Uniarq) da Faculdade de Letras de Lisboa, que, a par de Amílcar Guerra, dedica um mês por ano à escavação do local.

Em 1986, a acção de um *bulldozer* destruiu parte do sítio arqueológico e desencadeou uma intervenção de emergência para caracterização do local. Mesas do Castelinho proporcionou então uma surpresa: com mil anos de intervalo, ocorreram ali duas fases de povoamento, indício da sua importância enquanto posto de controlo de uma das antigas vias de travessia da serra do Caldeirão entre o Baixo Alentejo e o Algarve.

O primeiro povoamento decorreu entre a Idade do Ferro (no fim do século V a.C.) e a época romana (até ao fim do século I d.C. ou início do II) e a segunda produziu-se com a construção de uma fortificação islâmica, implantada na região entre os séculos IX ou X e o século XII. À data do segundo povoamento, não haveria vestígios visíveis da ocupação anterior, pelo que é legítimo calcular que o factor que levou à decisão de ocupação do espaço foi a posição geográfica. “Era um povoado de ribeiro, um aglomerado junto de uma linha de água, controlando uma via de acesso à serra”, diz Fabião.



Para além da informação sobre diferentes processos de urbanização, o sítio tem fornecido dados que documentam os contactos desta população do interior com áreas costeiras. Outras descobertas sugerem pistas sobre o quotidiano do período romano: uma pedra que, em tempos, terá sido a soleira de uma porta, reservava numerosas inscrições latinas, à semelhança dos *graffiti* modernos,

“testemunhando um dos indícios mais antigos de literacia em latim neste território”.

Moedas cunhadas em Mértola e em Roma dão conta também de uma rede de trocas comerciais durante o período republicano romano.

Após mais de duas décadas de trabalhos arqueológicos e de mais de dois mil anos de repouso, o sítio arqueológico está a ser valorizado e deverá contar com um centro interpretativo nos próximos meses, tornando novamente palpável o que em tempos foi exuberante. Aliás, na poesia clássica de Horácio, o autor romano exalta as virtudes de “um monumento mais duradouro do que o bronze (...) que nem a inumerável série dos anos, nem a fuga do tempo poderão destruir”. Poderia ser uma descrição de Mesas do Castelinho.

Esta cabeça humana de terracota, actualmente exposta no Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar, foi encontrada num contexto da Idade do Ferro. Os arqueólogos sublinham a curiosa “síntese cultural”: a cabeça é calva e a barba foi escanhoada, à maneira das iconografias de tradição mediterrânea, mas os olhos são redondos e frontais e o nariz quase inexistente, em conformidade com as iconografias de matriz céltica.

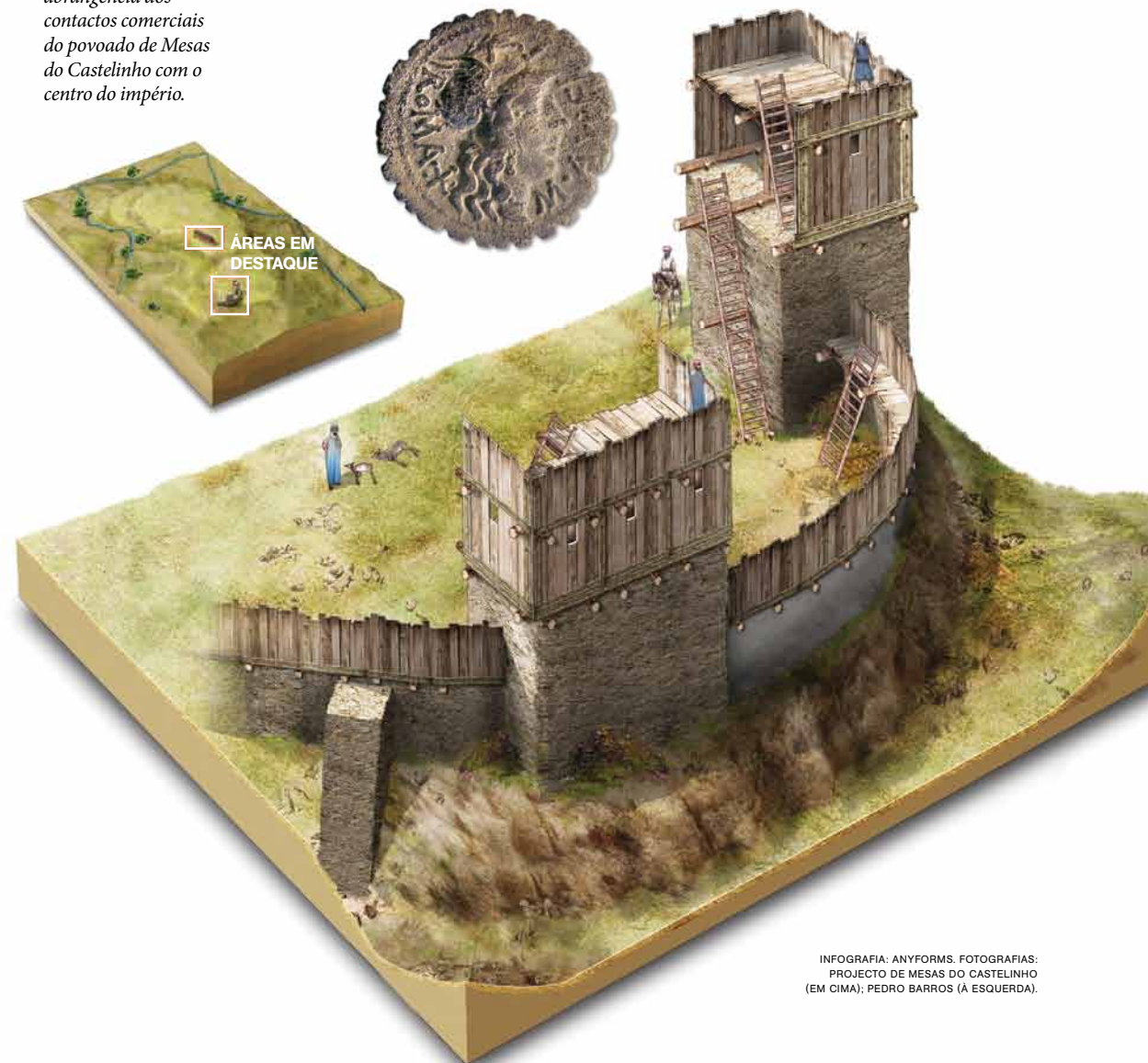
Há 2000 anos



Esta moeda de prata (à direita) foi cunhada em Roma, documentando a abrangência dos contactos comerciais do povoado de Mesas do Castelinho com o centro do império.



Há 1000 anos



Reconstituição de duas fases do povoamento do local: uma no período romano (à esquerda), com ordenamento ao estilo de ruas; e outra, de cariz militar, no período islâmico. Sem solos agrícolas férteis, nem recursos mineiros abundantes, o território poderia servir para o pastoreio e valer a pena pela sua posição estratégica. Foram encontrados vestígios osteológicos de veados nos níveis correspondentes à ocupação islâmica, que indiciam uma actividade de caça.